

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Diretor — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO  
de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 e 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de  
abatimento

## ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

## CONCLUSÕES LOGICAS

Pouco a pouco, com uma morosidade bem caracteristica, e uma má-vontade manifesta, arrastada no torvellinho do progresso e da Ideia-Nova, vae a Igreja Catholica accetando como seus, principios ha muito assentes como verdadeiros em aggremações mais avançadas.

Ou a isso a leve a força da evolução que tudo ataca e arrasta ou, principalmente, a necessidade, para ella vital, de se identificar com o meio e o acompanhar, é certo que ella depois de tenazmente lutar pela conservação dos mofentos principios, os substitue ainda cautelosa e desconfiadamente por outros mais modernos.

Assim em consequencia da questão religiosa que agita a França o episcopado francez declara pela bocca auctorizada do arcebispo de Bordeus—o cardeal Andrieu—que não reconhece as leis francezas porque são más e « nós, dizem, temos não só o direito mas o dever, de desobedecer ás leis más ».

Como direito, tinha este principio sido ha muito proclamado, como *dever*, com tanto arrôjo e tão claramente, só tinha sido posto em pratica pelos nihilistas.

Mas que o principio é verdadeiro, não ha duvida! Tão verdadeiro que até entre nós, onde todos os principios chegam tarde, mal e alterados, foi proclamado por os partidos mais conservadores quando da dissolução das camaras municipaes, excepção feita—bem pouco honrosa e estranhamente coincidente—para o partido nacionalista então unido e matrimoniado com o franquista.

Só espanta pois, que a Igreja, onde tudo é hierarchia e doutrina, é *magister dixit*, é dogma indiscutível, venha adoptar um principio que auctori-se a discussão, o desappoio, a rebeldia!

Porque para desobedecer ás leis más é preciso reconhecer que ellas o são, analysal-as e discutil-as; é preciso que se vejam os prós e os contras, que se ouçam os argumentos diferentes e se ponderem, e se descirna. E é o que a Igreja não tem consentido nem permitido aos seus sectarios fieis.

Mas, emfim, sejam quaes fo-

rem as causas que a tenham levado a esta affirmação de principios novos, causas talvez de modificações doutrinarias, desde que elles são verdadeiros, resta-nos lealmente acceital-os.

Apenas, na hypothese subjeita, lembra perguntar quem julgou más as leis provocadoras de revolta e se ellas realmente o são.

Punhamos já de parte se um hospede—como a Igreja é na Nação Franceza—tem o direito de contrariar as ordens do dono da casa onde se acha hospedado, ou apenas o de sahir d'essa casa onde o não tratam com a cortezia que entende lhe é devida.

O que é inadmissível é que n'um pleito entre partes, e concedamos á Igreja uma qualidade que se não póde conceder, uma só julgue o objecto da contenda; e assim inadmissível é que a Igreja julgue más as leis que pretende desrespeitar e que afinal pódem ser julgadas boas.

Mas n'esse caso, dirão, também não tem o Estado o direito de as julgar boas e de as impôr. Apenas differe a argumentação em que o Estado, o povo francez, julgou boas determinadas leis para o governo da sua casa e, quem n'ella quizer estar, ha-de a ellas subjeitar-se, ou sahir.

Nenhum principio de direito permite a ingerencia d'um extranho, d'um estrangeiro, nos negocios internos d'uma nação independente; e o episcopado francez declarando-se subdito do papa toma um caracter que o inibe de levantar a voz sobre o que resolve o povo francez que não é papal!

Porventura na Italia não reconhece a Igreja as leis Italianas? Reconhece.

Embora pretenda com a chôcha e irrisoria prisão voluntaria do Papa no Vaticano contra a qual a dentro dos seus muros já ha uma forte corrente, fazer vêr que está coagido, não esboça sequer um movimento de revolta!

Querem então os francezes serem mais papistas que o Papa!

Mas acceitemos as premissas e tiremos as promettidas conclusões:

Más são todas as leis iniquas, de privilegio, que não concorrem para o progresso material e moral d'um povo.

Más são as leis de desigualdade muito mais quando d'ellas não resultam beneficios geraes, mas antes prejuizos e vergonhas.

Más são todas as contrarias á razão e á consciencia, todas as que deprimem, vexam e affrontam a dignidade humana!

Más são portanto todas as que contrariam o pacto social fundamental e as que estabelecem como base da Justiça a desigualdade a favor de determinadas pessoas sem outro criterio que não seja o acaso d'um acto de pura animalidade comum a todos os irracionaes e racionaes, igual em todos os homens.

Se—proclama-o a Igreja—nós além do direito de não cumprir essas leis temos o *indeclinavel dever* de o fazer, concluímos que nós os Portuguezes, onde os principios proclamados por a Igreja são a lei suprema do *fidelissimo* paiz, temos o dever também indeclinavel, de reagir contra as leis más do paiz começando por aquella que colloca á sua frente um homem como nós, contra todos os principios da Razão, da Justiça e da Igualdade e—o que é muito mais—contra os interesses da Nossa Patria!

Ou então não existe a Logica.

Carvalho de Souza.

## A OBRIGA

### DOUS REINOS

Perguntado o Cristo, uma vez, sobre tal grandeza mundana limpa e desinteressadamente deu em resposta: «o meu reino não é d'este mundo». Interrogado agora, se o fosse, o director oculto dos jezuitas, outra, contraria, seria sua resposta. Para não sêr mentirozo, para não sêr achado em flagrante de monstroza felonía tinha a confessar que, de facto, «o reino d'este mundo é o alvo unico».

O alvo unico! a unica mira! a sua religião completamente!

Desde *Ingoistadt*, o seu colejo monstro que a todo o centro da Europa lança as raizes tenazes, desde o Apostolado da Oração, associação internacional a mais perigoza que existe, desde os seus milhares de coios e cazas de educação tão agradaveis ao *snobismo* burguez, desde tudo isso até aos retiros dos palacios rejios, para o jezuita o polo ideal é o predomínio. Posse sobre o homem igual á da teocracia creada no Paraguay, obediencia e subordinação das sociedades á semelhança do modelo indio prosternado ante o *padre-dono* para receber as *varadas* e beijar, apoz o castigo, a caridosa

mão que dá o sofrer. Portugal vae a caminho desse desiderato, e se o diabo não os abandonar na empreitada ainda viveremos, sob o jezuita, em condições sociaes nada superiores á dos deprimidos escravos das sociedades religiozas do Tibet.

Ainda, ainda . . .

Altar e trono entendem-se divinamente para a formação d'um estado inerte, com a absorção de poderes tão sabiamente realizada que, por fim, terá conseguido a Companhia os seus fins:—maandar, sêr, de facto,—rei. Eis a questão jezuitica.

E' um caso de invazão, é um diluvio de mentira: o mundo rejido pelos maiores impostores que tem parido o catolicismo.

Cristo, de quem eles se dizem filhos, é-lhes tão extranho e doutrinariamente tão adverso como nós outros, o seu reino «não era este mundo», e para ter o *reino do mundo* é que o jezuita trabalha no seu mister de toupeira. Eis ahi.

Para defendel-os dirá alguém que o jezuita é a expressão do catolicismo, visto que na sua transformação vagarosa a velha religião dos papas romanos cristalizou na forma actual do jezuitismo polimorfico. Não o negamos—seja.

Mas isso que não valha como o papão, que serve para meter medo ás creanças. Que isso nos não leve a retroceder. Iniciada a luta é indispensavel leval-a até onde a segurança social e a justiça, inflexivelmente, nos guiem. O reino do mundo é dos homens, e já é tempo de estes reivindicarem a sua possessão livre.

Antonio Valente.

## ECHOS DA SEMANA

### A fera

Esteve em Lisboa e saiu d'ahi para o seu covil no Alcaide, tendo entrado em Portugal com cuidados eguaes aos d'uma *ménagerie*. Naturalmente fica entre nós, não para governar que lá está no poder quem o hade vir a equivalêr, mas para acirrar com a sua presença a divi-zão d'odios que n'esta crise rezolutiva sofre a sociedade portugueza. Do mal—só mal e a besta fera, João Franco, é a maldade sem falla.

### Outro

Nicolau II czar e João Franco da Russia, ouve bem duras verdades nos parlamentos das nações livres. Na Inglaterra, na França, na Italia, vozes eloquentes de deputados do povo manifestam o sentimento jeral existente, de repulsão pelo monstro. Quer ele desembarcar na Inglaterra, gozar Paris, ou vizitar os reis da Italia? . . . Pois, imediatamente, um côro de maldições na opinião publica d'esses paizes explue, e deputados sem papas na lingua dizem do assassino do povo russo o que o dezagravo lhe deve; impedindo-se, ciozamente, o desembarque, as vizitas. A consciencia europea izola-o, como se o urso de Tzars-koii-sélo fosse um cazo perigozo de peste ne-

gra,—sintoma excelente, a hostilidade, de melhora no sêr humano.

### Andante

Continuam a premio as habilidades da «Instrução Criminal» para a descoberta dos cabos de esquadra que deram cabo dos rejicidas. O caso, porem, continua escuro, impenetravel, misteriozo! um verdadeiro romance á maneira do Rocambole, verdadeiro quebra cabeças que já tem esgotado o sérum a nada menos de dois juizês. Pois não era difficil pôr tudo claro, vir a sabêr-se a historia nos seus porquêz. Bastava ter sido seguido o nosso alvitre que, modestia á parte, era de efeito seguro; ter-se entregue o cazo, como lembrámos, á perspicacia de Santo Antonio. Digam o que disserem os hereticos da governança, policia nenhum do mundo pode bater-se com o santo em primazias de descoberta dos trastes. Tivessem-no encarregado, e outro galo lhes cantaria. . .

### Noivado

Diz-se que o nosso rei D. Manoel II casará, e prossimamente, com uma princeza da casa d'Austria.

Não pode sêr melhor a escolha de sua majestade nosso senhor, pois em côrte alguma do mundo encontrará D. Manoel educação monarquica e jezuitica tão acabada, tão concordante com os habitos e peridileções portuguezas.

E' o que se chama lé com lé, na jiria simplista do zé povinho a noiva austriaca, real senhor.

### Impostos

Na Alemanha são aumentados, deveras, pelas novas medidas fazendarias. E' preciso dinheiro para a loucura de construir couraçados e assim, anualmente, o imposto na Germania Mater vae render mais cento e cincoenta mil contos. E' de arrazar. Mas viva a paz armada, que é a ruina dos povos e a força melhor dos reinantes.

### Façanhas

Sua Majestade chegou ao Porto sabado á tarde, domingo pela manhã a Amarante, e segunda feira e terça entre idas e vindas e voltas e trocas pode conquistar, a rasgos de jenio, ao invazor inimigo posições de primeira ordem: pontes, estradas, discursos, batalhas-saudes e jantares-batalhas, demonstrando a aulicos e a detratores que em heroismo e dedicacão pode bem hombraer com os avós (?) que conquistaram Napoleão fujindo para o Brazil. Lá isso, rei para a guerra. . . do centenário da Independencia está bem provado D. Manoel.

### Metternich

Deve ir a chegar a Londres o nosso primeiro diplomata—Soveral, marquês. Veio a Portugal apresentar ao governo e ao rei os agradecimentos de Eduardo VII pelo presente faustozo da cedencia de Lourenço Marques á Africa Ingleza, e consta que trouxe, também, uma mensajem dos chocolateiros calunia-



dores da nossa ilha de S. Tomé. Essa mensagem ao governo português é de congratulação pelo diploma que temos em Londres—para serviço e grandeza dos interesses e ambições britânicas. De cá levou Soveral—o Metternich janota—para o governo inglês os bons desejos portugueses de que a Gran Bretanha acabe por rezolver-se a engulir os pedaços, que restam, do nosso domínio africano.

Tem acessos taes—o patriotismo.

**As sufragistas**

Raro é o dia em que o telegrafo não dê conta de meetings de sufragistas acompanhados de chifreiros e de manifestações das madamas, invariavelmente condimentadas de provocações e tumultos—que nunca o fazem por menos as irascíveis nossas metades. Onde se mostram mais pertinazes, mais barulhentas, é, incontestavelmente, na Babilônia Londrina. Ha dias queriam entregar, pessoalmente, uma reclamação ao bonhomico Eduardo VII e como a pragmatica se não torcesse ao imperativo desejo vá de apedrejarem a residencia do primeiro ministro inglês... tal e qual como regatonas ou peixeiras avinagradas.

Podem ter carradas de justiça nas reivindicações de direitos civicos que pretendem impôr aos homens, mas, o certo é, tornam lembrado o nosso adajio expressivo: de mulher que sabe latim... libera-nos domini. Porque são tudo madamas sabias as sufragistas e, quaze sempre, horrorozas... na proporção da sabedoria e da rizeja de mãos. Que espiga—com taes mulheres cair a sorte—em ministro.

**Historia... e historias**

«As Novidades» saudando o rei pela viagem ao norte deram-se a associar-o, intrinsicamente, á significação nacional da memoriação da guerra napoleonica.

D. Manoel II ultimo rebento bragança sóbe, assim, ás alturas epicas de representante e herdeiro d'uma raça de vencedores abnegados e heroicos. Não ha duvida, que está certissimo. D. João VI deu ás de vila diogo com toda a côrte para o Brazil quando da invazão dos francezes, doou o reino aos inglezes de Beresford e Welington, e de descendencia em descendencia, que, aqui, é de dejenescencia em dejenescencia, chegámos nós a D. Manoel II que não se pejou de dezonrar o seu nome assinando um convenio infame que dá aos inglezes Lourenço Marques.

E' persistencia nas tradições e reincidencia na gloria, como parece ao sujeito que anda de rojo nas «Novidades».

**Restos da festa**

A majestade—dizem os órgãos da grande circulação furta côres—foi friamente recebida em grande parte das terras por onde passou,

**(16) FOLHETIM**

**Camilo Castelo Branco**

**A Brasileira de Prazins**

A Senhorinha veio á beira d'el-rei e disse baixinho:  
—Saberá vossa majestade que está ali o sr. Trocaltes.  
—O...?  
—A! já me esquecia... o sr. visconde...  
—Que suba.  
O sujeito que entrou era o Torquato Nunes, um sarjento do exercito realista, de S. Gens. O rei ergueu-se e fecharam-se na alcova. A cozinheira dizia em baixo á outra creada de fóra:—O' coisa! Mal diria eu que ainda havia de chamar visconde ao safardana do Trocaltes. E á outra benzendo-se:—Não que ele, o mundo sempre dá voltas!

e no Porto ouviram os seus ovios de augusto as saudações... á liberdade e os—abaixo o convenio. Má recepção, não melhor despedida; vá a titulo de arquivo, pois vivas a mais ou vivas a menos não salvam o doente nem fazem o enterro.

**«A Lanterna»**

Com este titulo iniciou publicação em Lisboa um folheto de propaganda anti-jezuitica.

Esplendidamente feito vibra seguros botes ao ultramontanismo, e vale como um guia prestante a quantos queiram instruir-se dos designios torvos da reacção. Este primeiro numero versando o tema da «boa imprensa» é de alto interesse de cotejo e sentimos que a absoluta falta de espaço nos não deixe fazer aqui umas transcrições impressivas.

**Carnet**

Passou ha dias o aniversario da «Discussão», semanario local da azul e branca regeneração. Parecemos que fez quinze anos, e a propósito dir-lhe-hemos que nosso senhor Jesus Cristo lhos aumente e lhos acrescente.

**Fotografias**

O habil fotografo Ricardo Ribeiro lembrou-se de apanhar n'um instante o barco dos excursionistas republicanos na digressão á Gafanha. E ha dias teve a gentileza de nos oferecer a fotografia d'essa excursão, belo trabalho que não desdiz dos seus credits de bom fotografo. Por tudo pois—obrigado.

**ARA**

I

O' pequenina aldeia encantadora, tão carinhosamente recatada, onde passei na minha infancia, outróra, alguns mezes de paz inolvidada;

Ah, que saudade tão consoladora eu guardo d'essa vida afortunada, assim tão santamente abençoada, ó pequenina aldeia encantadora!

Que aspecto é que terão, actualmente, as arvoreds piedozas, rodeando a casa onde eu morei, feliz, contente?...

E os humildes e alegres cavadores que passavam os dias labutando, como estarão os bons trabalhadores?

II

E aquele bom velhinho encanecido que lidava comigo horas inteiras, que me contava historias feiticieras tão paciente... por mim estremecido!

Que me levava, forte e destemido, trotando, a rir, por entre as oliveiras, montado no seu burro entristecido, pobre martir das minhas bricadeiras.

Inda será o mesmo, o bom velhinho, todo feito de benções e carinho, amigo das creanças, como outróra?...

Veja você! aquele moicante que me pediu uma vez dois patacos p'ra cigarros, e por sinal que nunca m'os pagou.  
—Pois vê—ahi! Foi ele o primeiro que conheceu o sr. D. Miguel, é o que foi, e sua majestade gosta muito d'ele. Foi felz o diabo do homem. Aquilo vae a governo, tu verás; e já ouvi dizer que o sobrinho d'ele o padre José da Eira, o de Rio Caldo, que é zanagra, está conego. Limparam-se da carepa é o que é. A mulher d'ele já botou no domingo passado a sua saia e jaqué de pano azul.  
—E que rico pano!  
—Pois vê—ahi...  
Entrava n'esta conjuntura o abade, esfadigado, suarento—que levasse o diabo a freguezia, que pouco tempo havia de aturar maçadas d'aquelas, para confessar uma bebida de uma velha que tinha bebido demais na feira da Pova e caira

Talvez que durma já na sepultura, lá no teu cemiterio em miniatura, ó pequenina aldeia encantadora.

Julio Batista Ripado.

**PARA O FIM!**

**O futuro das colonias**

No dia 1 do corrente mez entrou, definitivamente, em execução o tratado celebrado entre a nossa provincia de Moçambique e o governo da colonia inglesa o Transvaal.

O que esse tratado representa, demonstraram-o em comicios e em conferencias os republicanos, é pura e simplesmente a cedença voluntaria de Lourenço Marques, a nossa joia sul africana, do imperio inglês. Isso foi demonstrado sem contestação, irrefragavelmente provado, mas, ha mais, acaba de ser proclamado pelos proprios ministros inglezes das colonias britannicas da Africa austral.

Foi no dia 25 de maio e no sexto congresso anual da «assemblea popular» que o jeneral J. C. Smuts, ministro de estado, declarou referindo-se ao tratado: «Os portuguezes nunca mais terão as mãos livres sobre os seus proprios caminhos de ferro e Lourenço Marques será realmente tratado como uma parte do Transvaal e da Africa do Sul». No mesmo congresso, e n'uma carta posteriormente publicada por jornaes inglezes, Botha, primeiro ministro da colonia transvaaliana, declarou que todas as vantagens do contracto são para a potencia inglesa e que Lourenço Marques fica á mercê da influencia e da supremacia britannica. Ainda mais, o mesno Botha confessou que sem convenção nenhuma, sem o tratado Lourenço Marques e a nossa provincia de Moçambique teriam lucrado mais, muito mais; e sem a abdicção de soberania e independencia que é essa infame negociação. Podia e pode a certa classe de jente, d'essa que vê as couzas sob o ponto de vista do seu horizonte pessoal, podia a essa jente parecer suspeita e turva a campanha levantada pelos republicanos para evitar-se a consumação do desastre. Porem essa classe de jente, a jente de bem» que vive de malabarismos arranjistas, ainda que lhe custe não poderá acuzar de suspeita a afirmativa dos inglezes. Cantando a facil, a insolita victoria, eles celebram a habilidade dos seus homens de estado, e o acrescimo de grandeza que Lourenço Marques, um dos melhores pontos mundiaes de converjencia, trará á confederação inglesa da Africa austral. Sem trabalho, sem violencias antipaticas, sem sacrificio, á custa apenas da falta de juizo e da falta de patriotismo dos monarchicos portuguezes fizeram uma aqizição

d'um valado abaixo. E ele? perguntava,—almoçou bem?  
Ora! não ha que perguntar, senhor! Aquilo, salvo seja, é como a cal de uma azenha. E' quanto lhe deitam p'rá tripa. Coiza assim! Subiu agora p'ra lá o Nunes. Ai! já me esquecia, ó sr. abade! Olhe que na vila já perguntaram se cá na casa estavam hospedes, porque vinham p'ra cá muitas comidas. Que não vão eles pegar a desconfiar...  
Esta pergunta á moça traz agua no bico.  
—E tu que respondeste, moça?  
—Que vinham por cá jantar uns senhores padres, que agora era tempo de confesso...  
—Andaste bem.  
Quando o padre Marcos Rebelo subia á sala, pelindo licença a meio da escala, já o rei e visconde vinham saindo da alcova—um, apumado na attitude da majestade, o outro, na do respeito, muito compôsto.

admiravel. Culpados foram todos os nossos monarchicos, que o permitiram calados e cúmplices, culpados foram todos os governos de que já se tem servido a monarchia nova—mas nefastissima—de D. Manoel II. Bom—o tratado era legal pois que lhe faltava o «aprovo» ou o «rejeito» do parlamento, ao qual competia suzernamente estudar-o, discutilo e rezolver; pessimo, ruinozo como foi, mais uma razão para não se aceite, primeiro que todos, pelo governo. Mas os nossos dirijentes monarchicos o que quiseram foi ceder miseravelmente ás sollicitações da Inglaterra, e para evitar que em Portugal se viesse a conhecer na sua extensão e baixaza o negocio infame que praticavam, serviram-se do recurso de adiarem as côrtes dando assim tempo a escoar-se o prazo, de modo a nunca mais a questão vir em todo o seu verdadeiro significado a publico. Deram a nossa melhor, a nossa mais prometedora colonia, e para não serem importunados com as justas reclamações de protesto safaram-se fechando as côrtes. Isso, se assegurou a realização do negocio e se os deixou descançados de interpelações justiceiras, não impediu que a verdade—toda a verdade, viesse a saber-a o paiz inteiro. Eis o patriotismo monarchico; ahi está a seriedade, a sollicitude, a izenção de carater dos hoçems de todos os partidos de rotação e de dissidencia, cúmplices e interessados na extorsão.

Cederam Lourenço Marques por sua graciosa vontade livre, arruinarat e não souberam defender Macau, como amanhã no Cameron e no Congo por conchavos ou por ratados nos venderão ao estrangeiro. O tratado de Lourenço Marques vale como uma sintheze por toda a monarchia radioza, peor, imensamente mais reles que a monarchia odiada dos antecessores desprezados. Vendendo, não, dando á Inglaterra a mais valioza parcela do nosso dominio ultramarino não tem direito ao nosso respeito de adversarios; não tem atenuante ou desculpa que arroga e perante a historia. Só uma coisa merece: desprezo, e luta sem treguas até a expulsar-n'os do solo patrio cuja integridade e cujo pundonor ela não respeita nem reconhece.

**A conquista do ar**

**(UM CONCURSO DE AEROPLANOS)**

O aeroplano, um dos veiculos com que o homem pretende vencer as leis onipotentes da gravidade conquistando o ar e movendo-se n'ele com a facilidade e a segurança das aves, é um maquinismo composto de dois ou mais planos, algumas vezes sobrepostos, construidos de tela envernizada ou catchutada, planos que são as superficies sustentadoras

—Pede licença na sua caza, dom Prior? disse el-rei.  
O dom prior de Guimarães jenuflectiu a perna direita; o soberano apressou-se a erguel-o.  
—Nada de etiquetas, já lho disse duzias de vezes.  
—Não posso nem devo proceder d'outra maneira, senhor!  
—Pode e deve que o mando eu. E o abade, inclinando se com os braços em cruz sobre a batina:  
—Saberá vossa majestade que o sr. capitão mór de santa Marta, a quem vossa majestade fez barão de Bouro...  
—Bem sei... aquele amavel cavalheiro...  
—Perfeito cavalheiro—atestou o Nunes.  
—Escreve-me a carta que tenho a honra de depositar nas mãos de vossa majestade.

El-rei leu alto:

com que o aparelho, obtida a estabilidade, consegue aguentar-se no ar; aproveitando as propriedades de resistencia de que este é dotado.

Compõe-se o aparelho d'esses planos enquadados n'uma cercadura de madeira ou metal leve, variaveis consoante os modelos em disposição, comprimento, largura; com o diametro, em media, de 25 metros quadrados; e é constituido, no resto, pela barquinha, nada semelhante ao classico cesto do aerostato, contendo um motor de explosão realizando o maximo da leveza para o maximo de força—90 kilog. de pezo e 40 cavalos de força—, assentos para o aviador e um passageiro, cauda estabilizadora em alguns modelos e tendo ainda, alem de multiplo material, os lemes vertical e horizontal, formados de superficies do mesmo jenero das dos planos sustentadores, moveis e paralelos; e as helices acionadas pelo motor, helices que, jeralmente, são de madeira.

Todo o movimento é dado pelo motor, atuando sobre as helices que jiram em sentido directamente contrario dando 500 ou mil voltas por minuto, consoante as diferenças de construção na helice-parafuso e nas suas azas deslocadoras.

E' pois uma construção simples, e toda a dificuldade de factura está em obter um motor matematicamente certo no funcionamento, inatacavel sob o ponto de vista da resistencia; e em distribuir, sabiamente, as formas e os tamanhos do aeroplano completo.

O pezo total dos atuaes modelos incluindo um aviador é de 400 a 500 kilos e o maquinismo firma-se (para pelo esforço proprio se elevar á atmosfera, isto é, para lhe ser possivel desferir o vôo) sobre um sistema de rodas ou sobre patins de madeira.

A explicação científica d'essa couza nova, aparentemente contraria ás leis eternas e imutaveis a que obedecem os corpos—aguentar-se e deslizar no ar um enjenho mais pezado que o ar, essa explicação não é deveras difficil.

O ar é dotado de resistencia como todos sabem, e para o verificar basta deixar cair de uma altura um pedaço de papel distendido, ou marchar com velocidade n'uma bicicleta ou n'um automovel. Resiste, e essa resistencia aumenta com o diametro da superficie que se desloca, e no quadrado da velocidade que se efectua. Ora o aeroplano, constituido por superficies de ampla extensão e projetado rapidamente no espaço por helices de grande força, não cãe, exactamente porque a resistencia que o ar exerce sobre ele e sobre a sua rapidez de andamento é bastante para equilibrar a força atractiva do pezo que o impele para a terra. Assim, se parasse o motor n'um aeroplano suspenso na atmosfera imediatamente, pela paralização do movimento, o aparelho viria, ao chão; fazendo-se em mil pedaços, tal qualmente como acontece aos papagaios com que brinca correndo nos largos a petizada quando por falta do fio que os suspende caem na terra.

Amigo Dom Prior de Guimarães —Um realista do concelho de Famalicao chegou ha pouco a esta sua casa, afim de que eu escrevesse ao meu nobre e velho amigo para obter de sua majestade licença para lho apresentar como portador d'uma carta do sr. Vasco Cerveira Lobo, morgado de Quadros, e tenente coronel que foi do regimento de dragões de Chaves.

Diz ele que o sr. D. Miguel fôra amigo pessoal do dito tenente coronel, e por isso entende, e eu tambem que será muito do real agrado do nosso rei e senhor receber a carta d'este lejitimista que nos pode ser muito util, já pelo seu nome, como tambem pela sua riqueza. Ouvidas as ordens de S. M. F., queira transmitir-m'as...

Estou-me recordando, disia o principe pausando as suas reminiscencias—Cerveira Lobo... tenente coronel de dragões... Sim, sr...



O primeiro aeroplano que venceu o ar conseguindo efetuar vôos conscientes deve-se aos americanos Wright e fez a sua primeira ascensão em 17 de dezembro de 1903, percorrendo a distancia modesta de 200 metros.

Depois, novos experimentadores apareceram; e no fim do ano passado os mais celebrados eram, além d'um d'esses americanos, os francezes Farman e Blériot. Dos modestos 200 metros de viagem da primeira *aerolocomoção*, em pouco tempo chegava-se a viagens de 124 kilometros, estando o maquinismo sem tocar no solo quase duas horas e meia; viagens de ida e volta por sobre campos e cidades já se realizaram em França, e em velocidade já um aeroplano chegou a atingir 85 kilometros á hora. Eis o que ha realizado de incontestavel, até agora, com os aeroplanos americanos e francezes.

Isso, contudo, se é a conquista inegavel do ar, não é ainda a solução pratica e facilmente apropriavel da navegação através da atmosfera. Desejo de a conseguir no mais curto prazo de tempo o governo dos Estados-Unidos da America propôz um concurso que deve já ter-se realizado, e no qual os aeroplanos teem de solvêr, decizivamente, as seguintes difficuldades: transporte de mais duas pessoas e de essencia suficiente para uma marcha de duzentos kilometros, realização com o vento favoravel ou contrario de velocidade não inferior a sessenta kilometros á hora, permanencia no espaço durante uma hora, evolução da maquina em todos os sentidos, estabilidade perfeita. Parcialmente, e por vezes, qualquer das condições, salvo a primeira, teem sido realizadas completamente; mas as verdadeiras contradicções praticas do aeroplano são diferentes. Rezumem-se na partida e na descida do aparelho.

Atualmente, dada a amplitude de espaço que os aeroplanos ocupam, quer a subida quer a descida, para serem isentas de perigo, teem de fazer-se em grandes extensões de terreno absolutamente livres de obstaculos como arvores, edificios, etc.; especie de helodromos de diametro enorme. Não servem, pois, para esse fim nem as estradas, nem os largos publicos e se não é impossivel a construção de estações adequadas para a ascensão de aeroplanos, não é possivel evitar-se uma descida forçada em qualquer ponto improprio e cheio de perigos. Ah! é que reside o embaraço pratico da apropriação do aeroplano na locomoção vulgar, e é para vencer de vez esse estorvo que se trabalha, atualmente, com afan e com confiança. Ter-se-ha de realizar a construção de aparelhos voadores de tamanho ajustado ás condições da base terraquea, evolucionando talvez do aeroplano para enjunos mais simples, o helicóptero, ou outro veiculo que o progresso da aeronavegação ulteriormente consiga.

Isso, de resto, não será já agora muito difficil, pois que se tratará, muitos implementos, d'uma adaptação e progresso eguaes ao obtido com a bicicleta, o automovel e todos os mais inventos.

A viação aerea é já um facto maravilhoso, e não demorarão muitos anos que o céu não seja sulcado d'homens-voadores, exatadamente como hoje as nossas estradas são percorridas em todas as direções pelos automoveis de velocidade assombrosa. Realizada em toda a amplitude de apropriação humana a deslocação na atmosfera, será essa a mais maravilhosa applicação da ciencia, o mais precioso instrumento de transformação progressiva. Observada a dispariedade que vai do grosseiro caminho de ferro á maquina livre do solo, evolucionando no céu com a precizão d'uma aguia, não será temerario supôr que o seu advento será seguido de uma transformação nas ideas e na vida incomparavelmente superior ás revoluções ocasionadas pelo progresso anterior. Senhor do ar, o homem realizará na ordem material e moral as mais perfectas conquistas.

## Em beneficio da Misericórdia

### UMA FESTA BRILHANTE

Domingo prossi no terão os ovaenses no teatro da nossa vila um seieto e brilhantissimo festival em beneficio da Misericórdia de Ovar. A nenhuns esforços e a nenhuma boa vontade se pouparam os cavalheiros que promoveram o magnifico sarau, e o exito corresponderá, esplendurosamente, ao que se espera—ao que deve sêr. Imaginem que terão—literatura do requintado e fino espirito de Dias Simões, musica de virtuosos e uma parte de trechos orfeonicos pela tuna velha, aquella tuna de que todos se recordam com saudade e cujo sono até hoje todos nós sentimos com desespero. Imaginem que a reje o Alves, e não se esqueçam de que o Dias acumula e a contento das partes e com honra d'ambas as nobres artes da poesia e da musica. Imaginem—não;—vejam isso. E meninas galantes—todas são, e olhem que sem favor que isto Ovar é uma *pépinière* de beldades,—meninas galantes com as cintilações do rizo, do luxo e da formozura, dando ao nosso humilde teatro as vastas proporções d'um olimpo, d'um templo do gozo e do amor...

Rezistir, não ir ao teatro, preterir uma enxaqueca, um pedaço azedo de máo humor como, se pela primeira vez na nossa terra mete a jente no mesmo saco todos os proveitos possiveis. A diversão, o encanto, o apuramento do bom gosto, o arroubo e finalmente a cariedade a solidariedade a piedade... Rezistir, ficar em casa, negar-se a jente ao convite da intelligencia e do coração...

Ninguém o fará todos compreendendo que se é um dever social pelo fim a que se destina a assistencia ao sarau pelo lado do bom gosto da diversão atraente o festival satisfaz absolutamente mesmo ao mais exigente dos homens.

Ninguém o fará porque seria grosseiro, deploravel, não se aproveitar entusiasticamente a noite mais bela, e mais amavel que o bom destino nos oferece.

Ah! mas as nossas lindas patricias, como sóe dizer-se em estilo noticiaria, e, na verdade, com verdade as nossas lindas patricias, sensibilidades amaveis; com finezas de gosto, com delicadezas de escolha já devem ter decidido que se a musica, a poesia, a arte querem dar um lindo espectáculo elas pela presença, pela graça, pela elegancia lhe avultarão o encanto, o valor, a majia. E quando a mocidade feminina resolve, os senhores bem sabem é completo, é infalivel o exito. Aproveitemos portanto. Que n'este caso aproveitar é ainda sêr solidario.

Solidario com a misericórdia. Solidario com o encanto e o coração da mulher.

Solidario, em suma, com o amor. E' uma festa de gala, é uma festa de caridade, e quem não fôr por um lado tem á certa de ir pelo outro.

Ir, aplaudir, e ter a fortuna, rara, de regressar a penates com o um sabôr a festa tão agradavel, tão bom, que nunca se esquece—nunca se esquece.

## Uma bella acção

Por intermedio do nosso amigo e correligionario José Maria Lopes Valente, da Ribeira, recebeu a comissão executiva da Misericórdia a quantia de 55000 réis que lhe enviou de Lourenço Marques o snr. Miguel Valente d'Almeida, de Pardilhó, a quem elle havia sollicitado qualquer quantia para este fim.

Não sendo nenhum d'elles d'Ovar, mais generosa é a sua acção tanto mais que não é a primeira quantia que aquelle nosso correligionario obtem para obra tão humanitaria.

A carta que remetia aquella importancia tinha estas nobilitantes palavras: «Nunca neguei o meu óbulo para obras tão caritativas porque é quasi sempre onde o pobre vai acabar a vida. Não conheço a Ex.<sup>ma</sup> comissão mas em meu nome peço que lhe testemunhe a minha gratidão e felicidade os ovaenses por terem homens tão altruistas; Deus os ajude a levar a fim uma tão boa obra».

Infelizmente ainda alguns vareiros —poucos—teem muito que aprender com este exemplo.

## Vida Republicana

### Eleição da Comissão Municipal Republicana de Ovar

Como fora anunciado realizou-se no passado dia 4 do corrente a eleição da comissão municipal sendo o acto concorrido e decorrendo animadamente.

Foram votados numerosos correligionarios dando o apuramento de votos os seguintes cidadãos, seguidamente proclamados, e que constituem a nova entidade municipal partidaria:

#### Efetivos:

Manoel Augusto Nunes Branco  
Antonio Godinho de Almeida  
Ernesto Zagalo de Lima  
Manoel Dias de Carvalho  
Antonio Valente d'Almeida

#### Substitutos:

José Maria Pereira de Almeida  
Manoel Maria de Matos  
Manoel dos Santos Moreira  
João José Alves Cerqueira  
Fernando Artur Pereira.

A nova comissão tomará posse no proximo domingo 11 do corrente devendo delibear immediatamente sobre condições de funcionamento interno.

\*

### Comissões Paroquias

Realizam-se no proximo dia 18 de julho em Valega e em Ovar as eleições das comissões paroquias respectivas. Nas freguezias onde não ha ainda constituído oficialmente o partido pede-se aos correligionarios locais envidem os melhores esforços no sentido da constituição dessas comissões partidarias. A comissão municipal sollicita de todos os correligionarios que o possam fazer esse prestante serviço de cooperação e devoção partidaria.

\*

### Comissão paroquial republicana da freguezia d'Ovar

Devendo realizar-se no dia 18 de julho a eleição da comissão paroquial desta freguezia convido os cidadãos republicanos para esse acto eleitoral.

O prezidente da comissão municipal,

Domingos Lopes Fidalgo.

## NOTICIARIO

### Dia a Dia

Faz annos no dia 14 o snr. Alexandre Paes, do Cadaval.

Parabens.  
—Com muita felicidade deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do nosso amigo snr. José Manoel d'Oliveira Lopes, de Vallega.

Os nossos parabens.

—Afim de fazer uso de suas aguas, partiram segunda-feira para Verim os snrs dr. Joaquim

Soares Pinto e Manoel Maria Barbosa Brandão.

### Excursão

Sob o aspecto d'uma manhã chuvosa, mais de quatro centenas de pessoas, que em sobresaltos passaram a noite, abalaram, ao principiar o dia 29 de junho, de suas habitações em direcção da estação do caminho de ferro, onde, reunidas em convívio alegre e franco, aguardavam a hora em que a locomotiva, ao respirar vigoroso de seus pulmões de ferro, as fizesse transportar á formosa rainha do Lima, á incomparavel Vianna do Castello. Contrastando com o ar de melancholia, que a natureza imprimira áquella manhã humida, notava-se viva hilaridade e regosijo, na phisionomia prazenteira dos excursionistas, que os sons da musica reforçavam com as suas quentes vibrações.

Às 5 e meia, abalava o comboio no meio de indisciplinavel entusiasmo, tendo paragem em Esmoriz e Espinho. D'ahi vai até Campanhã, onde durante os poucos minutos de paragem e mudança de machina, varios excursionistas largam os trens e organisam danças. Dada a hora da partida o comboio avança, mostrando no seu percurso, amiudadamente, vastos panoramas d'uma variedade attrahente, até que se chega á vista de Vianna. Redobra o entusiasmo ante o bellissimo aspecto da encantadora cidade, já então banhada por torrentes de luz emanada d'um sol vivificante e bom.

Na estação aguardavam o comboio os bombeiros voluntarios d'aquella cidade, com uma banda de musica. Trocadas saudações entre os dois povos, segue-se para o edificio dos voluntarios viannenses e alli repetem-se as saudações, fallando por parte dos bombeiros d'alli o secretario da respectiva direcção e em nome dos d'Ovar o snr. dr. Sobreira. Findo isto os excursionistas dispersam-se.

O estomago reclama e, ás suas exigencias, os farneis se desembrulham ou os hoteis tremem. Refeito o estomago, a primeira visita a fazer é ao Monte de Santa Luzia. Bello, grandiosamente bello o panorama que d'alli se disfruta. Desce-se novamente á cidade, que encanta, ou arrabaldes e por alli se passa bem o resto do dia.

A hora da refeição do jantar varia para muitos e por isso enquanto uns comem outros passeiam e divertem-se. Organizam-se danças em varios pontos. Ha sempre animação. Com o pôr do sol, os excursionistas tomam o rumo da estação. Antes, porém, os dirigentes do passeio vão apresentar as suas despedidas e agradecimentos á sede dos bombeiros de Vianna. Estes offerecem champagne, e trocam-se novas saudações entre as duas corporações de Vianna e Ovar e entre os dois povos, fallando por parte d'aquelles o seu secretario e por este os snrs. dr. Sobreira e Lopes.

Entre vivas e ao som da musica se entra na gare, onde confraternisavam connosco o povo d'aquella linda cidade e as suas autoridades, que nos penhoram sobremodo com atenções e deferencias.

Tambem ao som da musica e entre estrepitosos vivas deixamos Vianna e ao cabo de quatro horas que se passaram rapidas e bem chegamos a Ovar, onde Morphieu esperava uns e os mastros aguardavam outros.

Um dia bem passado, sem o mais leve incidente desagradavel—o que muito honra este bom povo vareiro.

### Festas e diversões

Precedida de triduo, a principiar d'hoje, em que ás tardes voz as-

tuta de prégador inspirado na congregação do *Sacré Cœur*, ha-de, ao sabor da sua causa, prometter recompensas celestias que farte sobre os fieis que se conduzam pelo caminho jesuitico que os leva ao Paraíso dos representantes e continuadores de Loyola, realiza-se no domingo que chega na igreja parochial, a festividade do Coração de Jesus (Novo), na qual, além da primeira communhão e exposição do Sacramento, ha de manhã missa solemne a grande instrumental e sermão ao Evangelho, e de tarde vespersas, sermão e procissão.

Esta é a segunda festa que em Ovar se faz este anno, como nos anteriores, sob a mesma invocação. Já no anno passado formulamos uma pergunta a quem mais competente fosse sobre o assumpto sobre a verdadeira authenticidade dos Corações de Jesus, isto é, desejavamos saber qual dos dois era o verdadeiro, se o Velho ou o Novo. Repetimos agora a mesma pergunta e esperamos uma resposta.

Se o verdadeiro fôr o Velho, nós daremos para o futuro uma esmola mais avantajadinha para o ajudarmos a tirar da pobreza com que lucha e se fôr o Novo, retirarmos a esmola áquelle e a juntarmos á que costumamos dar a este, afim de augmentar o lustre e magnificencia que gosa.

Aguardamos o despacho á petição.

—Pouco animada e concorrida além do povo do logar foi a festa de Santa Catharina que sabbado e domingo se realizou na Ribeira, á qual assistiram as duas bandas de musica d'esta villa.

—Como as demais n'outras ruas effectuadas, esteve interessante e animada uma diversão nocturna realisada domingo no Bairro de Sant'Anna. Alli, além da queima d'um mastro de pinhas, iluminação, danças e descantes, tocou até á uma hora da madrugada a philarmónica dos Bombeiros Voluntarios.

N'outras ruas tambem houve animadas danças ao clarão de fogueiras e de mastros.

### Acto

Fez na Universidade de Coimbra na semana passada acto da 2.<sup>a</sup> cadeira de direito, obtendo approvação, o nosso conterraneo Antonio Gonçalves Santiago.

Os nossos parabens.

### Relogio

Depois de se retemperar das fadigas de muitos annos com o descanso d'algumas duzias de mezes, está de novo a trabalhar, funcionando optimamente, o relogio da igreja de Santo Antonio. Sofreu uma radical reforma na acreditada relojoaria Andrade Mello, do Porto, graças á louvavel iniciativa da mesa administrativa d'aquella irmandade, que é mais digna de louvor por este importante melhoramento do que pela realização d'uma festa por mais brilhante que fosse.

### Fallecimento

Falleceu no dia 3, sepultando-se no dia immediato ao anoitecer, o sogro do nosso amigo Carlos Ferreira Malaquias, digno ajudante do conservador.

Os nossos pesames.

## Imprensa Civilisação

Viuva Lemos & Gonçalves \*\*\*

\*\*\* R. Passos Manoel, 211 a 219

\*\*\*\*\* PORTO \*\*\*\*\*

Trabalhos typographicos \*\*

\*\*\*\*\* em todos os generos.

por precos modicos. \*\*\*\*\*



# INDICAÇÕES PARA TODOS

## Commercio

(Noticias da ultima semana)

### CAMBIOS

**No Porto:** valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.

Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.

**No Brazil:** cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portuguesa.

### Preços dos Generos

No nosso mercado

#### SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis

2.ª " " " " " " 1\$350

#### BAIRRADA

1.ª qual., 15 kilos. 1\$300

2.ª " " " " " " 1\$250

3.ª " " " " " " 1\$200

Batatas, 15 kilos . . . . . 400

Centeio 20 litros . . . . . 740

Fava, 20 litros . . . . . 750

Farinha de milho, 20 litros . 840

trigo, 1.ª qual. kilo. 103

2.ª " " " " " " 93

cabecinha " " " " " " 62

semea superfina. " " " " " " 40

grossa " " " " " " 38

Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280

branco, 20 " " " " " " 1\$220

mistura, 20 " " " " " " 960

Milho branco, 20 " " " " " " 800

amarello, 20 " " " " " " 700

Ovos, duzia . . . . . 140

Tremoço, 20 litros. . . . . 380

Azeite, 1.ª qual. litro. . . . . 300

2.ª " " " " " " 270

3.ª " " " " " " 260

Alcool puro, 26 litros. . . 6\$500

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380

bagaceira, 26 litros. 2\$730

figo, 26 litros . . . . . 1\$950

Geropiga fina, 26 litros . . 2\$080

baixa, 26 " " " " " " 1\$430

Vinho tinto, 26 litros. . . . . 750

branco, 26 " " " " " " 900

verde, 26 " " " " " " 900

Vinagre tinto, 26 " " " " " " 700

branco, 26 " " " " " " 900

## Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 1:306\$010 réis

Companha do Socorro — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 1:012\$520

Companha S. José — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 1:588\$510

Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a maio de 1909 . . . . . 681\$990

Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 . . . . . 7:388\$835

NOS CAMPOS

Rendimento de . . . . .

## Matadouro

No mez de . . . . .

Rezes abatidas para o consumo:

.... Bois, com o peso de . . . kilos

.... Vitelas, " " " " " " " "

.... Porcos, " " " " " " " "

## Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. . 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção 5

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. . . . . 50 réis

cada 20 gr. ou fracção . 30

Bilhetes postaes: cada . . . . . 20

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção . . . . . 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção . . . . . 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.— Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio —Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Limite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.— Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes tem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

## Lei do Sello

### RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10

10\$001 " " " " " " 20

50\$001 " " " " " " 30

100\$001 " " " " " " 50

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 50

Valor não conhecido ou declarado. 500

Cheques ao portador . . . . . 20

### LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

20\$001 " " " " " " 50

50\$001 " " " " " " 100

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

20\$001 " " " " " " 40

40\$001 " " " " " " 60

60\$001 " " " " " " 80

80\$001 " " " " " " 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

20\$001 " " " " " " 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. . . . . 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios

Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

## Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. . . . . 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. . . . . 5

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta. . . . . 6

Bairro d'Arruella até á Poça. . . . . 7

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. . . . . 8

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral. . . . . 9

Estação e Pellames. . . . . 10

João—Cima de Villa e logares visinhos. . . . . 11 Badaladas

Ribeira. . . . . 12

Assões—Granja e Guilhovae. . . . . 13

Furadouro. . . . . 14

Para cessar — 3 badaladas.

## Associação de Socorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo socorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

## Comissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta comissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, panno, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarização da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

## Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.

Antonio da Silva Brandão Junior.

Carrelhas & Filho, Successor.

Manoel Ferreira Dias.

Manoel Soares Pinto.

## Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto de Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

## Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

## Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

## Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

## Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

## Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem da Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitada Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

## Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

## Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canasteiro»—Rua de St.ª Anna, «Central»—Rua da Praça, «Cerveira»—Furadouro, «Jeronymo»—Largo do Chafariz, «Nunes Lopes»—Rua dos Campos.

## Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido —Rua dos Campos.

## Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova-Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira —Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

## Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

## Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

## Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

## Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

## HORARIO DOS COMBOYOS DO PORTO A OVAR E AVEIRO DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	8,45
Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49	2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7,1	9,55
Esmoriz	6,36	7,35	8,16	11,2	11,7	3,11	—	4,39	—	6,31	7,18	10,4
Cortegeça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,45	—	6,37	7,24	—
Carvalh.ª	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,52	—	6,43	7,31	—
OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,42	10,24
Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,49	—
Avanca	—	8,1	—	—	11,35	—	—	—	—	—	7,56	—
Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16	—	4,40	—	6,14	—	8,37	11,10

## DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,44	—	—	11,3	2,5	—	—	5,34	—	9,56	10,29
Avanca	4,37	—	—	—	11,42	—	—	—	6,12	—	—	—
Vallega	4,48	—	—	—	11,48	—	—	—	6,17	—	—	—
OVAR	4,51	6,24	7,20	10,20	11,57	—	4,8	5,35	6,27	7,25	—	11,12
Carvalh.ª	5,2	—	7,31	10,31	12,8	—	4,19	5,48	—	7,36	—	—
Cortegeça	5,7	—	7,36	10,36	12,13	—	4,24	5,51	—	7,41	—	—
Esmoriz	5,13	6,38	7,42	10,42	12,18	—	4,30	5,57	6,42	7,47	—	11,36
Espinho	5,30	6,47	7,59	10,59	12,34	2,39	4,47	6,14	6,55	8,4	10,35	11,84
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,58	1,47	3,18	5,50	7,15	8,1	9,4	11,16	12,26